

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – EaD  
CURITIBA – PR**

**ALESSANDRA JOANA TESTI SOUZA**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA *VERSUS* NORMA CULTA NAS AULAS DE  
LÍNGUA PORTUGUESA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE  
JALES/SP**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**CURITIBA – PR**

**2018**

**ALESSANDRA JOANA TESTI SOUZA**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA *VERSUS* NORMA CULTA NAS AULAS DE  
LÍNGUA PORTUGUESA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE  
JALES/SP**

Monografia de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura oferecida pela Universidade Aberta do Brasil (UAB) apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Língua Portuguesa”.  
Orientador: Prof. Fabio Luís Fernandes Mesquita

CURITIBA – PR

2018



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



## TERMO DE APROVAÇÃO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA VERSUS NORMA CULTA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA EM  
UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE JALES/SP

Por

**ALESSANDRA JOANA TESTI SOUZA**

Monografia apresentada às 15:05, do dia 25 de agosto de 2018, como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Turma , ofertado na modalidade de Ensino a Distância, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

\_\_\_\_\_  
FABIO LUIS FERNANDES MESQUITA

UTFPR - Curitiba  
(orientador)

\_\_\_\_\_  
cristina de souza prim  
UTFPR - Curitiba

\_\_\_\_\_  
Nivea Rohling  
UTFPR - Curitiba



## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para concluir esse trabalho, à minha família pelo amor, incentivo e apoio incondicional. A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação fica o meu muito obrigada.

## **Dedicatória**

Dedico esse trabalho à minha família por ter acreditado em mim.

## **RESUMO**

SOUZA, Alessandra Joana Testi. Variação linguística *versus* norma culta nas aulas de língua portuguesa em uma escola pública da cidade de Jales/SP. 2018. 44 f. Monografia (Especialização em ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Comunicação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

Esta pesquisa teve como objetivo principal investigar a ocorrência de vocabulário, sintagmas e construções sintáticas na escrita dos alunos do 8º ano, do Ensino Fundamental, de uma escola pública estadual da cidade de Jales/SP, e o que representam na conceituação da norma culta brasileira e de utilização dos fenômenos linguísticos propostos por Bagno (2001). Partindo da necessidade de compreender a diversidade de falares da sociedade brasileira e o preconceito linguístico que se estabelece nesse contexto, surgiu o interesse em realizar este estudo que consistiu na realização de revisão bibliográfica de livros e artigos científicos sobre o assunto, publicados em sites e impressos e na análise de produções escritas por alunos. Os resultados da Gramática Histórica apontaram um grande distanciamento entre o português não padrão e o português padrão, entre a norma coloquial e a norma padrão da língua portuguesa, na escrita dos educandos, o que demanda um trabalho constante do professor, no sentido de conscientizar os alunos com relação ao funcionamento da língua, dependendo de seu contexto de produção, a fim de que aconteça a diminuição do preconceito linguístico.

**Palavras-chave:** Ensino da língua portuguesa. Norma culta. Variação linguística. Contexto de produção.

#### ABSTRACT

SOUZA, Alessandra Joana Testi. Linguistic variation versus cultured norm in Portuguese language classes at a public school in Jales / SP. 2018. 44 p. Monography

(Specialization in Portuguese Language and Literature teaching) - Postgraduation Program in Language and Communication, Federal Technological University of Paraná. Curitiba, 2018.

This research had as main objective to investigate the occurrence of vocabulary, syntagmas and syntactic constructions in the writing of 8th grade students from Elementary School, at a state public school in Jales / SP, and what they represent in the conceptualization of the Brazilian culture standard and use of the linguistic phenomena proposed by Bagno (2001). Starting from the need of understanding the diversity of Brazilian society's discourses and the linguistic prejudice that is established in this context, the interest arose in carrying out this study, which consisted of a bibliographical review of books and scientific articles on the subject, published on websites and printed and in the analysis of productions written by students. The results pointed out a great distance between non-standard and standard Portuguese, between colloquial norm and standard Portuguese, in the students' writing, which demands a constant work from the teacher, in order to make students aware of their relationship of how language works, depending on its context of production, in order to bring about the diminution of linguistic prejudice.

**Keywords:** Portuguese language teaching. Cultured norm. Linguistic variation. Context of production.

## SUMÁRIO

<b>01</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
	<b>1.1 JUSTIFICATIVA E DELIMITAÇÃO DO TEMA.....</b>	<b>09</b>
	<b>1.2 OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>09</b>
	<b>1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....</b>	<b>10</b>
	<b>1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>10</b>
<b>02</b>	<b>REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>11</b>
	2.1 Correntes linguísticas do século XX.....	11
	2.2 Norma culta, variação e mudança linguística.....	12
	2.2.1 Variações linguísticas.....	17
<b>03</b>	<b>PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....</b>	<b>21</b>
<b>04</b>	<b>ANÁLISE DAS PRODUÇÕES ESCRITAS DOS ALUNOS.....</b>	<b>25</b>
<b>05</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>
	<b>ANEXO I – TEXTOS DOS ALUNOS.....</b>	<b>33</b>

## 1. INTRODUÇÃO

As línguas humanas possuem natureza heterogênea e variável, segundo Bagno & Rangel (2005). No entanto, os falantes imaginam-nas como um mecanismo estático, puro e correto, e por sua vez a variação linguística passa a ser reconhecida como erro. A norma culta é tomada por especialistas e gramáticos como “[...] o conjunto de regularidades gramaticais detectáveis no uso efetivo da língua por parte dos ‘falantes cultos’”. (BAGNO; RANGEL, 2005).

Essa crença ocasiona o preconceito linguístico em relação aos indivíduos que não dominam a chamada norma padrão da língua por parte dos que se consideram detentores das regras gramaticais.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN),

A Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno, ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades, aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. Certamente, ele é capaz de perceber que as formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras. (PCN, 1998, p. 81).

No entanto, na escola, a diversidade linguística é deixada de lado, talvez pela falta de preparo teórico-metodológico dos professores para lidar com essa situação que é incompreendida também por parte da sociedade. Devido ao distanciamento entre a realidade social e os avanços empreendidos no meio acadêmico, pode-se firmar a necessidade da implantação da pedagogia da variação, proposta por Faraco:

[...] cabe reiterar que nosso grande desafio, neste início de século e milênio, é reunir esforços para construir uma pedagogia da variação linguística que não escamoteie a realidade linguística do país (reconheça-o como multilíngue e dê destaque crítico à variação social do português); não dê um tratamento anedótico ou estereotipado aos fenômenos da variação; localize adequadamente os fatos da norma culta/ comum/ ‘standard’ no quadro amplo da variação e no contexto das práticas sociais que a pressupõem; abandone criticamente o cultivo da norma-padrão; estimule a percepção do potencial estilístico e retórico dos fenômenos da variação (FARACO, 2008, p.180)

Mussalin & Bentes (2006) descrevem as variedades linguísticas sob duas óticas: a variação geográfica ou diatópica, que diz respeito às diferenças linguísticas conforme o espaço físico, advindas de indivíduos de origens geográficas distintas; já a variação

social ou diastrática é referente a fatores ligados à identidade dos falantes e à organização sociocultural da comunidade de fala.

Por sua vez, Terra (1997) classifica a variedade linguística em decorrência de quatro fatores: regionais, culturais, contextuais e naturais, nomenclaturas diferentes das atribuídas por Mussalin & Bentes (2006), porém que possuem significações semelhantes.

Ainda de acordo com Terra (1997), “Não devemos pensar a língua como algo que se polariza entre o ‘certo’ e o ‘errado’. Temos de pensar a linguagem sob o prisma da adequação.” Conforme os PCN (1998, p. 20), cada prática social comunicativa “[...] se diferencia historicamente e depende das condições da situação comunicativa, nestas incluídas as características sociais dos envolvidos na interlocução.” Por essa razão, discriminar a variedade de falas e escritas se constitui preconceito linguístico.

Para a realização desta pesquisa, foi selecionada uma escola pública estadual da cidade de Jales/SP, onde pretendo investigar a variedade linguística escrita de 16 alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, por meio da análise de textos escritos produzidos pelos estudantes.

## **1.1 JUSTIFICATIVA E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA**

Vivemos em uma sociedade formada por grupos sociais com maneiras diferentes, hábitos linguísticos e graus de escolarização distintos, por isso ocorrem as variações na língua de caráter local, temporal e social. A escola, formada por indivíduos dessa sociedade, agrega as diferentes formas de variedade linguística e tem dificuldades em lidar com elas, reforçando, muitas vezes, o preconceito linguístico. Como compreender estas variações linguísticas e seu uso, dependendo do contexto de produção, contribuindo para a diminuição do preconceito linguístico?

## **1.2 OBJETIVO GERAL**

Investigar a ocorrência de vocabulário, sintagmas e construções sintáticas na escrita dos alunos do 8º ano, do Ensino Fundamental, de uma escola pública estadual da cidade de Jales/SP, que representam, na conceituação da norma culta brasileira, a forma

correta de se utilizar a língua portuguesa. No entanto, partindo dos conceitos de adequação/não adequação, essas ocorrências podem ser tomadas como usos normais, que dependem do contexto no qual acontecem.

### **1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a) Conceituar e definir variedades linguísticas;
- b) Discutir os resultados da pesquisa à luz dos conceitos de adequação/não adequação de uso linguístico, levando em consideração o contexto de produção da escrita;
- c) Analisar produções escritas dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Jales/SP.

### **1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Severino (2007, p. 17) afirma que a pesquisa científica “[...] refere-se ao processo de produção do próprio conhecimento científico, atividade epistemológica de apreensão do real; ao mesmo tempo, refere-se igualmente ao conjunto de processos de estudo, de pesquisa e de reflexão que caracterizam a vida intelectual do estudante [...]”.

Desta forma, esta pesquisa consiste na realização dos seguintes procedimentos: revisão bibliográfica de livros e artigos científicos sobre o assunto, publicados em sites e impressos; análise das produções escritas dos alunos dos 8ºs anos A e B, de uma escola de Jales/SP, sendo selecionados 16 textos que apresentaram variações linguísticas.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 Correntes linguísticas do século XX

Xavier (2014) afirma que, para Saussure, a natureza do signo é psíquica e é representado pela união do significado (sentido) e do significante (imagem sonora). O significado pode ser compreendido como o sentido, conceito ou ideia de algo, por meio da representação mental, enquanto que o significante é compreendido como a imagem sonora de alguma coisa. Com isto se conclui que o significante é a parte perceptível do signo, enquanto que o significado é a parte inteligível do mesmo.

Ainda, de acordo com Xavier (2014, p. 90),

Para que um signo seja um signo, é preciso que socialmente haja uma aceitação para tal, quer dizer, uma convenção social. Ninguém pode dizer que a partir de agora, por exemplo, a palavra cadeira se refere a céu. Essas convenções não podem ser desfeitas em qualquer momento por qualquer pessoa.

Saussure valorizou o estudo inerente à linguagem, estabelecendo oposição entre o sistema (*langue*) e seu uso (*parole*), envolvendo-se com o estudo da *langue*. Segundo o mestre genebrino, a língua é pura forma e necessita ser estudada a partir do princípio de que “[...] as formas que articulam os sons (significante) e os sentidos (significado) são arbitrárias em todas as línguas.” (CYRANKA, 2014, p. 172).

O teórico representante do formalismo é o linguista norte-americano Noam Chomsky, que desenvolveu a teoria gerativa, no final da década de 1950. Pretendia analisar o conhecimento linguístico dos falantes, e não apenas o seu uso da língua. Para Chomsky “[...] a língua é uma entidade autônoma, que não depende do uso, da comunicação na situação social.” (MARTINS, 2009, p. 20).

Conforme Cunha & Tavares (2016, p. 18),

De inspiração em Givón, Hopper, Thompson, Chafe, entre outros, a abordagem funcionalista norte-americana defende uma linguística baseada no uso, observando a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. A gramática é vista como um sistema aberto,

fortemente suscetível à mudança e intensamente afetado pelo uso que lhe é dado no dia a dia.

Cyranka (2014) afirma que a partir da década de 60, devido à contribuição de William Labov, que pesquisou os falares dos negros americanos inseridos em sua realidade, nasce a Sociolinguística, em decorrência de estudos da língua voltados para a perspectiva social. Porém, as pesquisas de Labov só se tornaram possíveis, devido muitos outros estudos já terem sido realizados, no início do século XX, por vários linguistas americanos, tais como F. Boas (1911), Edward Sapir (1921) e Benjamin L. Whorf (1941). Esses estudos estão relacionados a outras áreas das ciências sociais, como a Antropologia e a Psicologia, o que fez com que a Sociolinguística se apresentasse como ciência interdisciplinar.

O objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. (ALKMIN, 2003, p. 31).

Desta forma, segundo Alkmin (2003), não é o fato das pessoas de uma determinada comunidade falarem do mesmo modo que as caracterizam, mas o relacionamento e a interação entre os indivíduos orientados por um único conjunto de regras que determinam a comunidade linguística.

Para a Sociolinguística, a língua é heterogênea pelo fato de, na comunidade linguística, os falantes utilizarem modos diferentes de se expressar, o que podem ser considerados uma qualidade do fenômeno linguístico e não um problema, como se poderia pensar. Essas diferentes formas de falar, para a Sociolinguística, são consideradas variações linguísticas, o que se constituem um contraponto com a Linguística estruturalista e a gerativista, que veem nas variações simples variantes livres da língua, enquanto que para a Sociolinguística “[...] essas diferenças são produtivas, seja para a identificação das motivações que as determinam, seja como marcadores da identidade do falante, sua origem geográfica, sua posição social, seu nível de escolaridade, etc.” (CYRANKA, 2014, p. 185).

## **2.2 Norma culta, variação e mudança linguística**

Bagno & Rangel (2005), ao tratarem da natureza das línguas humanas presentes na sociedade, afirmam que, no imaginário linguístico, ainda predomina o conceito de que a língua é estática e deve ser vista como modelo de “pureza” e “correção” por meio das obras de renomados escritores, além de ser seguida conforme consta nas gramáticas normativas que ditam as regras de uso da língua. Desta forma, o caráter heterogêneo, variável e mutante da língua pode ser desconsiderado e a língua passa a ser considerada homogênea, monolítica, exterior ao indivíduo e que necessita de proteção contra o “mau uso” cometido contra ela pelos seus próprios usuários. Nesse contexto de significação, a variação linguística é reconhecida como “erro”.

Segundo Camacho (2003, p. 39), “[...] como os detentores da variedade de prestígio controlam o poder político das instituições, que emana das relações econômicas e sociais, são também detentores da autoridade de vincular a língua à variedade que empregam.” Nos estudos variacionistas, este é um fator que deve ser levado em consideração, ou seja, dependendo dos usos da língua efetivados pelas classes dominantes, detentoras do poder, essa categoria social impõe a variedade linguística utilizada como a “verdadeira e correta”. (CYRANKA, 2014).

Faraco (apud Marcos Bagno, 2002) afirma que há diferenciação entre norma culta e norma-padrão e, ao comparar os sentidos das duas expressões, assegura que na designação norma culta há inúmeras hipóteses nem sempre passíveis de aceitação. O termo culto pressupõe algo inculto, e, se referindo à norma, implica na possibilidade da existência de uma norma inculta, falada por indivíduos desprovidos de cultura, o que suscita pré-julgamentos sobre os mesmos, ou seja, afirmações de que esses falantes possam ser incultos, ignorantes, falar errado, falar mal etc., o que não é verdadeiro, segundo estudos antropológicos.

Segundo Faraco (apud Marcos Bagno, 2002, p. 40),

[...] é preciso olhar criticamente o sentido do qualificativo *culta*, apontando seu efetivo limite: ele diz respeito especificamente a uma certa dimensão da cultura, isto é, à cultura escrita. Assim, a expressão *norma culta* deve ser entendida como designando a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial por aquela legitimada historicamente pelos grupos que controlam o poder social.

A fim de neutralizar a variação e controlar a mudança linguística, a cultura escrita, vinculada ao poder social de determinados grupos, estimulou um processo que visou estabilizar a língua, não apenas por meio das atividades verbais escritas, mas também das orais. Esta norma estabilizada recebeu o nome de *norma-padrão* e se apresenta como “[...] um complexo entrecruzamento de elementos léxico-gramaticais e outros tantos de natureza ideológica que, em seu conjunto, definem o fenômeno que designamos de norma-padrão.” (FARACO apud MARCOS BAGNO, 2002, p. 41).

De acordo com Alkmin (2003, p. 32),

Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de *variedades linguísticas*.

Seja qual for a língua, falada pela mais remota comunidade, apresenta sempre variações, não podendo por isso ser considerada homogênea. Toda a língua é representada por um conjunto de variedades. A própria língua portuguesa, falada no Brasil, em Portugal, em Angola, em Moçambique, Cabo Verde, Timor etc., apresenta diferentes modos de falar utilizados pelos indivíduos que dela fazem uso. (ALKMIN, 2003).

As variações linguísticas são denominadas *diatópicas* (geográficas) e *diastráticas* (sociais). As diferenças linguísticas observadas entre indivíduos pertencentes a espaços físicos distintos são denominadas variação geográfica ou diatópica, como, por exemplo:

[...] entre falantes brasileiros originários das regiões nordeste (incluída a Bahia) e sudeste, percebemos diferenças fonéticas, como, por exemplo, a pronúncia de vogais médias pretônicas – como ocorre na palavra “melado” – pronunciadas como vogais abertas no nordeste [méladu] e fechadas no sudeste [mêladu]. Percebemos também diferenças gramaticais, como, por exemplo, a preferência pela posposição verbal da negação, como em “sei não” (nordeste) e “não sei” (ou, “não sei, não”, no sudeste); o uso do artigo definido antes de nomes próprios como em “Falei com Joana” (nordeste) e “Falei com a Joana” (sudeste). (ALKMIN, 2003, p. 35).

Com relação à variação social ou diastrática, compreende-se “[...] a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização

sociocultural da comunidade de fala”, destacando-se os seguintes fatores: classe social; idade; sexo e situação ou contexto social. (ALCKMIN, 2003, p. 35).

Camacho (2003, p. 59) apresenta exemplos de traços característicos do uso linguístico verbal de falantes pertencentes às classes sociais menos favorecidas:

- redução e desnasalização do ditongo /eyN/ em posição de sílaba átona final.

Exemplo: “homi” no lugar de “homem”;

- processo fonológico interferindo na regra de concordância verbal em frases.

Exemplo: “Eles devi pagar a cerveja”, pronúncia de “devi” no lugar de “devem”;

- cancelamento do fonema /s/, na sílaba átona final. Exemplo: pronúncia “vamo” no lugar de “vamos”

- processo fonológico interferindo na regra de concordância nominal em sintagmas nominais. Exemplo: pronúncia “os menino” no lugar de “os meninos”.

Ainda, de acordo com Camacho (2003), há uma diferença entre o que o autor chama de linguagem comum e *linguagens especiais* ocasionada pelos fatores: idade, sexo e ocupação. A linguagem comum é entendida como “[...] o inventário lexical e sintático referente aos conceitos comuns a todos os membros de uma comunidade linguística relativamente homogênea.” (CAMACHO, 2003, p. 59). Com relação às linguagens especiais, consistem em variedades dialetais características de subcomunidades linguísticas formadas por falantes que possuem uma atividade comum, dentre elas, a profissional, científica e lúdica. Essas comunidades possuem jargões e gírias próprios das linguagens técnicas ou chamadas especiais.

Não são apenas essas comunidades ou subcomunidades que fazem o uso de gírias entre seus falantes. Há grupos fechados que, motivados pelo sigilo, fazem uso dessa linguagem, como, por exemplo, os marginais, os quais acabam motivando a exclusão social, por meio da linguagem, de suas comunidades. Esse mecanismo geralmente ocorre entre os adolescentes. (CAMACHO, 2003, p. 60).

Alkmin (2003, p. 36) apresenta alguns exemplos de variação linguística de idade e sexo:

- uso de gírias significando avaliação positiva de coisas, pessoas e situações.

Exemplos: “maneiro”, “esperto”, indicam faixa etária jovem;

- uso do pronome *tu* em diálogos entre falantes moradores do Rio de Janeiro sugere, também, que os indivíduos são jovens. Exemplo: “Tu viu só?”;

- pronúncia fechada da vogal tônica posterior do vocábulo “senhora” indica que o falante é mais velho: [senhôra] no lugar de [senhóra].

Alckmin (2003, p. 36) exemplifica o que costuma ocorrer na fala de mulheres: “[...] a duração de vogais como recurso expressivo, como em ‘maaravilhoso’ [...] assim como o uso frequente de diminutivos, como ‘bonitinho’, ‘gostosinho’, ‘vermelhinho’”.

Em relação à variação linguística que depende da situação ou do contexto social, Fishman (1972, apud Alckmin, 2003, p. 36-37) afirma que “[...] uma situação é definida pela ocorrência de dois (ou mais) interlocutores mutuamente relacionados de uma maneira determinada, comunicando sobre um determinado tópico, num contexto determinado”.

Segundo Alckmin (2003, p. 36),

Situação ou contexto social: é um fato muito conhecido que qualquer pessoa muda sua fala, de acordo com o(s) seu(s) interlocutor(es) – se este é mais velho ou hierarquicamente superior, por exemplo –, segundo o lugar em que se encontra – em um bar, em uma conferência – e até mesmo segundo o tema da conversa – fofoca, assunto científico. Ou seja, todo falante varia sua fala segundo a *situação* em que se encontra.

As variações linguísticas que dizem respeito ao contexto social são denominadas *variações estilísticas* ou *registros*, os quais são usados pelos falantes de formas diversificadas, conforme as circunstâncias em que acontecem as interações verbais. Esses registros ou estilos de fala recebem os nomes de *estilo formal, informal, coloquial, familiar, pessoal*. (ALCKMIN, 2003).

Para melhor compreensão da expressão *mudança linguística*, é necessário entender o significado dos termos *variantes* e *variáveis*. Cyranka (2014, p. 186) assim define esses vocábulos:

Em Sociolinguística, chamam-se *variantes* as formas da língua que se encontram em variação e são influenciadas por determinados fatores, denominados *variáveis*. A variante pode se manter estável no sistema linguístico durante um período de tempo, curto ou longo, ou pode desaparecer, permanecendo apenas uma das alternativas de uso. Nesse caso, temos o fenômeno de *mudança linguística*.

Exemplificando a afirmação acima, encontramos que a relação entre o verbo e seu complemento, na língua portuguesa, pode ocorrer com ou sem a presença de preposição. Seguem-se frases onde a *variante* se faz presente, acompanhadas de outras que seguem a norma-padrão da língua: *assisti o filme* (variante) e *assisti ao filme*

(norma-padrão); *fui no cinema* (variante) e *fui ao cinema* (norma-padrão). A escolha das variantes é influenciada por fatores de natureza interna, estrutural (fonológica, morfológica, semântica, discursiva ou lexical) ou fatores de natureza externa, social (a etnia, o sexo, a idade, o nível de renda e de escolarização, a profissão, etc.). Esses fatores recebem o nome de *variáveis*. (CYRANKA, 2014, 186).

Camacho (2003, p. 59) afirma que “As formas em variação adquirem valores em função do poder e da autoridade que os falantes detêm nas relações econômicas e culturais.” Portanto, uma variante que apresente marca de plural no sintagma nominal (“as meninas”) representa a detenção de prestígio social pelos falantes dessa comunidade, sendo denominada *variante padrão* ou *de prestígio*, enquanto que a ausência de plural no sintagma (“as menina”) é considerada *variante não-padrão* ou *estigmatizada*.

Com relação à mudança linguística, Gabas Jr. (2003, p. 81) afirma que as línguas faladas no mundo estão em constante processo de mudança, e que a mesma não é percebida pelos falantes logo que acontece, devido serem lentas, graduais, parciais e sofrerem a força da preservação exercida pela língua enquanto bem comum. A mudança linguística é objeto de estudo da Linguística Histórica e dos estudos variacionistas, uma vez que variação e mudança estão relacionados.

### 2.2.1 Variações linguísticas

Bagno (2001), um dos mais conceituados linguistas brasileiros, autor da novela sociolinguística *A língua de Eulália*, apresenta nessa obra as formas de variedades linguísticas mais comuns entre os falantes da língua portuguesa, procurando desconstruir o conceito de erro que é aplicado ao português não padrão falado no Brasil.

Assim sendo, afirma que a noção de erro deve ser analisada a partir de casos individuais, por exemplo,

Se alguém ao invés de dizer cavalo diz cafalo, este sim estará cometendo um erro, devido talvez a problemas físicos na audição ou na fonação, pois essa forma não é registrada em nenhuma variedade do português do Brasil. Mas dizer pranta no lugar de planta não é um erro: é um fenômeno chamado rotacismo, que acontece nas mais diversas regiões do país e que participou da formação da língua portuguesa padrão ao longo dos séculos. (BAGNO, 2001, p. 38)

Existe uma tendência natural na língua portuguesa de transformar o *r* em *l* nos encontros consonantais, ao qual se denomina *rotacismo*, é não deve ser considerado um erro da fala ou escrita, mas simplesmente uma transformação linguística. Os falantes do português não-padrão, por não terem contato com a norma padrão, ditada nas escolas, não consideram a existência de encontros consonantais com *l*, apenas com *r*, o que não significa que sejam “burros”. (BAGNO, 2001).

O segundo caso de variação linguística citado por Bagno (2001) trata-se da *eliminação das marcas de plural redundantes*, explicada pelo português padrão com o acréscimo a vocábulos de marcas de plural, que modificam várias classes de palavras: artigo, substantivo, adjetivo, verbo etc., ou seja, a denominada concordância de número.

Tomando como exemplo a música *Cuitelinho*, transposta do folclore popular para o cancionário brasileiro por Paulo Vanzolini, Bagno (2001) comenta sobre a *transformação do LH em I*, explicitando que quando os falantes do português não padrão dizem, ao invés de trabalho, *trabaio*, ao invés de espalha, *espaia*, não significa que estejam falando errado, mas sim que “[...] na variedade de português que eles falam não existe este som consonantal.” (BAGNO, 2001, p. 63).

Ao comentar sobre a diferença entre o português padrão e o não padrão, Bagno (2001, p. 71) afirma que:

É importante que nós, educadores, tenhamos em mente que o português não-padrão é *diferente* do português-padrão, mas igualmente lógico, bem estruturado e que ele acompanha as tendências naturais da língua, quando não refreada pela educação formal. O português não-padrão não é “pobre”, “carente” nem “errado”. Pobres e carentes são, sim, aqueles que o falam, e errada é a situação de injustiça social em que vivem.

Essa afirmação de Bagno (2001) nos leva a refletir sobre algumas das consequências das desigualdades sociais no Brasil, o não acesso à educação formal, à cultura elaborada pelos povos e à escrita e fala das classes dominantes, o que gera a discriminação e o preconceito social e linguístico.

Outra variedade linguística usada no português não padrão, de acordo com Bagno (2001) é a *simplificação das conjugações verbais*. O autor afirma que “[...] os pesquisadores que estudam os falares regionais e não-padrão têm verificado que de

Norte a Sul do Brasil existe uma tendência generalizada a reduzir as seis formas do verbo conjugado a apenas duas.” (BAGNO, 2001, p. 75).

Tomando como exemplo a conjugação do verbo amar, no presente do indicativo, teremos: Eu amo/ Tu amas/ Ele (ela) ama/ Nós amamos/ Vós amais/ Eles (elas) amam, no português padrão; já no português não padrão, teremos: Eu amo/ Tu ama/ Ele (ela) ama/ Nós (a gente) ama/ Vós ama/ Eles (elas) ama. Desta forma, encontramos apenas duas formas do verbo, ao invés de seis: amo e ama. Bagno (2001) complementa seus estudos afirmando que o português não padrão é uma língua enxuta, que procura evitar as redundâncias ou marcas que indicam um fenômeno linguístico.

Bagno (2001) comenta, também, sobre um fenômeno linguístico chamado *assimilação*, afirmando tratar-se de uma força viva na língua que “ataca” as consoantes N e D, em sua zona de articulação na boca (alvéolo-dentais). “A assimilação, como o nome diz, é a força que tenta fazer com que dois sons diferentes, mas com algum parentesco, se tornem iguais, semelhantes. Às vezes ela consegue fazer isso. Outras vezes, só consegue pela metade.” (BAGNO, 2001, p. 89). Alguns exemplos desse fenômeno ocorrem quando: *falando* se torna *falano*; o advérbio *quando* se torna *quano*; quando ocorre uma assimilação do D pelo N. No caso das consoantes M e B, temos consoantes bilabiais, pronunciadas com o movimento dos dois lábios. Neste caso, ocorre novamente o fenômeno da *assimilação*, conforme exemplo de *também* que se torna *tamém*.

O mesmo processo de *assimilação* ocorre com redução do ditongo *ou* em *o*, devido a transformações históricas da língua. Segundo Bagno (2001, p. 97),

[...] o que era escrito e pronunciado OU em pouco tempo passou a ser pronunciado apenas Ô. Só que a língua escrita não deu conta de acompanhar a rapidez da língua falada, e até hoje a gente tem que escrever *pouco*, *louro*, *roupa*, embora já fale há bastante tempo *poco*, *loro*, *ropa*.

Bagno (2001) afirma que o mesmo fenômeno ocorrido com o ditongo OU ocorre com o ditongo EI, o qual é denominado *monotongação*, ou seja, dois sons se transformaram num só, no entanto, isso só acontece quando o ditongo EI aparece diante das consoantes J, X e R. Encontramos a seguir alguns exemplos de *monotongação*: na língua escrita temos *beijo*, *brasileiro* e *queixo*, que por sua vez, na língua falada correspondem a *bêjo*, *brasilêro* e *quêxo*. Contanto, em palavras acompanhadas de outras

consoantes não ocorre essa mudança: *jeito*, *leigo* e *seiva* permanecem da mesma forma, tanto na língua escrita quanto falada.

A presença de um I e de um U na sílaba tônica das palavras faz com que as vogais átonas pretônicas escritas, E e O, se reduzam e sejam pronunciadas com os sons *i* e *u*. A explicação para este fenômeno na língua portuguesa é que as vogais I e U são pronunciadas com som mais fechado na língua portuguesa e quando estão presentes na sílaba tônica, elas influenciam o som das vogais pretônicas E e O, modificando seus sons para fechados da mesma forma que as vogais I e U. Esse fenômeno recebe o nome de *harmonização vocálica*, do qual encontramos alguns exemplos: *bebida* > *bibida*, *formiga* > *furmiga*, *segundo* > *sigundo*, *coruja* > *curuja*. (BAGNO, 2001).

Bagno (2001) afirma que as palavras usadas no português não padrão possuem ritmo paroxítono, ou seja, a sílaba tônica é sempre a penúltima, desta forma, os falantes do português não padrão, *contraem as palavras proparoxítonas em paroxítonas*, na língua portuguesa, para se adequar a esse modelo, conforme os exemplos a seguir: *árvore* > *arvre*, *córrego* > *corgo*, *fórforo* > *fosfro*, *glândula* > *landra*, *tábua* > *tauba*.

Em seguida, Bagno (2001) comenta sobre a *desnasalização das vogais postônicas* na língua portuguesa, utilizada pelos falantes no português não padrão. O autor afirma que isso ocorre devido a uma tendência na língua portuguesa de eliminar a nasalidade das vogais postônicas, conforme exemplos: *abdomen* > *abdome*, *germen* > *germe*, *nomen* > *nome*, *examen* > *exame*. No entanto, algumas palavras conservaram a nasalização, como em *garagem*, *viagem* e *bobagem*.

São citados também por Bagno (2001) os *arcaísmos* no português do Brasil, que correspondem a verbos que carregam consigo o –a no início, como “[...] heranças muito antigas, vestígios de outros tempos, verdadeiros “fósseis” linguísticos”. (BAGNO, 2001, p. 140).

Os fenômenos linguísticos estudados por Bagno (2001) são, muitas vezes, interpretados de forma preconceituosa pela comunidade dominante, que tem acesso às formas elaboradas de uso da língua. Por isso, passarei agora ao estudo dos julgamentos exercidos por grande parcela da sociedade em relação à variação linguística.

### 3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

De acordo com Cyranka (2014), a heterogeneidade é uma característica própria das línguas, compreendida pela variedade de dialetos e registros pertencentes às comunidades linguísticas. Eles decorrem da forma como as sociedades se organizam, sendo uma delas a condição socioeconômica de sua população, que geram as variedades linguísticas, centradas no emissor, representativas do caráter valorativo resultante da hierarquia desses grupos sociais. Esse fator faz com que alguns dialetos sejam mais desvalorizados que outros, dependendo da classe econômico-social mais ou menos privilegiada.

Gnerre (1994, p. 6) afirma que “Uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

A variedade característica dos falantes das classes dominantes acaba sendo tomada como modelo para as demais e é denominada variedade padrão. No entanto, para a Sociolinguística, o fato dessa variedade ser chamada de padrão não significa que seja melhor ou superior às demais. (CYRANKA, 2014).

Segundo Alkmim (2003), a variedade padrão, norma ou língua culta não é a língua por excelência, da qual os falantes necessitam se apropriar e para isso precisam se esforçar, mas sim uma atitude social diante da língua, entendida por um lado pela escolha de um dos modos de falar existentes em uma comunidade, e por outro lado, compreendida como um conjunto de regras de determinam o falar “correto”. Geralmente, as escolhas feitas pelos grupos socialmente dominantes são tomadas como o modo ideal de falar e as regras de bom uso da língua. Nas sociedades ocidentais, a variedade padrão corresponde à “[...] variedade falada pelas classes sociais altas, de determinadas regiões geográficas. Ou melhor, coincide com a variedade linguística falada [...] pelo habitante de núcleos urbanos, que são centros do poder econômico e do sistema cultural predominante.” (ALKMIM, 2003, p. 40).

Cyranka (2014, p. 33) afirma ainda que

[...] os julgamentos valorativos sobre as línguas são, na verdade, julgamentos sobre seus falantes, o que leva à intolerância linguística, ao preconceito, um dos comportamentos mais nefastos contra as classes desprivilegiadas, já que sua condenação está sequer prevista na Constituição brasileira e, possivelmente, na de nenhum país. É preciso ainda lembrar que é nessa variedade que se veicula o saber oficial: nela são redigidas as leis, distribuídas as informações pela grande imprensa; nela se estabelecem os contatos no espaço das instituições oficiais; sem o acesso à língua padrão, ou melhor dizendo, às variedades cultas, enfim, estão vedados os caminhos que possibilitam o acesso ao poder.

Desta forma, às classes menos privilegiadas socialmente são negadas informações oficiais e extra-oficiais que poderiam também lhes beneficiar, e não apenas à classe dominante, uma vez que dificilmente indivíduos pobres e, conseqüentemente, falantes da língua considerada não-padrão conseguem entender o que dizem textos legislativos e/ou jurídicos, dentre outros.

Fatores como esse fazem com que a língua se torne um instrumento de exclusão social, e não de interação e ação sobre a realidade, como era de se esperar, em sociedades nas quais, para se alcançar bens culturais, há necessidade do domínio de um único dialeto, ou seja, a norma padrão. (CYRANKA, 2014).

Após a explanação dos fenômenos sociolinguísticos fundamentados em pesquisas de Bagno (2001) e as considerações sobre preconceito linguístico, passarei à análise dos textos dos alunos e à identificação ou não das variações linguísticas em produções escritas.

#### **4 ANÁLISE DE PRODUÇÕES TEXTUAIS ESCRITAS DOS ALUNOS**

Esta pesquisa propõe a análise de textos escritos por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública estadual da cidade de Jales/SP. O interesse por este estudo surgiu após a realização, por mim, de um trabalho sobre variação linguística, proposto pelo *Caderno do Professor do Currículo Oficial do Estado de São Paulo*, no Volume 1, *Situação de aprendizagem 5*, 8º ano (SÃO PAULO, 2010).

A escola pública estadual na qual os alunos do 8º ano estudam é uma Escola de Ensino Integral vinculada ao Programa de Ensino Integral (PEI). Segundo consta no site da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo,

O PEI, ou o Novo Modelo de Escola de Tempo Integral, está presente em 308 escolas. A jornada dos estudantes é de até nove horas e meia, incluindo três refeições diárias. Na matriz curricular, os alunos têm orientação de estudos, preparação para o mundo do trabalho e auxílio na elaboração de um projeto de vida. Além das disciplinas obrigatórias, eles contam também com disciplinas eletivas, que são escolhidas de acordo com seu objetivo. Os professores do PEI atuam em regime de dedicação exclusiva e, para isso,

recebem gratificação de 75% em seu salário, inclusive sobre o que foi incorporado durante sua carreira. (SEE, 2018, p. 01).

Informações contidas no portal do MEC revelam que as escolas de Ensino Integral incluem jovens que se encontram em maior situação de vulnerabilidade, uma vez que 70% destas escolas recebem alunos nessa situação, de acordo com o Indicador de Nível Socioeconômico (INSE) do INEP. (BRASIL, 2018).

De acordo com o Projeto Político-Pedagógico (PPP), a Unidade Escolar em pauta atende a uma clientela de vários bairros carentes da cidade de Jales. A região apresenta problemas sociais, principalmente econômicos, o que foi constatado através de um questionário de avaliação institucional da escola:

O rendimento familiar demonstra o quanto a comunidade é carente, pois 38% vivem com apenas um salário mínimo, 53% das famílias vivem com renda que varia entre dois e três salários mínimos, 7% vivem com renda entre três e quatro salários mínimos e apenas 2% têm renda superior a 5 salários mínimos. Isso demonstra a dificuldade econômica por que passam as famílias de nossos alunos. (JALES/SP, 2018, p. 7).

Além do fator econômico, o PPP apresentou dados de todos os alunos da escola, no ano de 2018, em relação à escolaridade dos pais dos alunos que fazem parte da comunidade escolar:

Outro fator importante para compreender as necessidades dos alunos que temos na escola é a escolaridade dos pais que é baixa, apenas 3% dos pais e 5% das mães possuem curso superior completo, 19% dos pais e 21% das mães possuem ensino médio completo, os demais pais e mães possuem ensino fundamental completo ou incompleto e ainda 5% das mães e 6% dos pais são completamente analfabetos. (JALES/SP, 2018, p. 7).

Ainda com relação ao aspecto econômico, mais especificamente quanto aos fatores emprego, estrutura familiar e utilização de bens de consumo foi detectado que:

70% dos pais estão empregados, 18% disseram que apenas um deles está empregado e 12% estão desempregados, 53% moram em casa própria, 33% em casas alugadas, 5% moram em casa cedida e 9% moram junto com os avós, 53% moram com pai e mãe, 39% moram apenas com as mães, 3% apenas com o pai, 2% com avós, 1% com tios e outros 2% com outras pessoas. Quanto ao acesso à tecnologia da informação, verificamos que 59% têm acesso a computador em sua residência e 41% não possuem esse equipamento, mas o acesso à internet em chega a 66% enquanto 34% não têm acesso à internet em sua residência. Nesse aspecto, é possível que o acesso à

internet em sua grande maioria seja através do aparelho celular, pois em conversas informais com alguns alunos, já que isso não foi objeto do levantamento de dados, eles afirmaram que acessam a internet através do aparelho de celular e não do computador. (JALES/SP, 2018, p. 8).

Esses dados são importantes para esta pesquisa, uma vez que apontam para a condição socioeconômica, nível de escolaridade, estrutura familiar e acesso às novas tecnologias pelos jovens desta instituição de ensino e sinalizam para o grau de capital cultural dos estudantes e de suas famílias, o qual influencia nas variações linguísticas utilizadas pelos alunos, como falantes da língua portuguesa.

Ao iniciar a coleta de dados desta investigação, a fim de conhecer os fenômenos linguísticos presentes na escrita dos alunos, solicitei aos estudantes do 8º ano A e B que redigissem um relato de experiência vivida, gênero textual já conhecido deles, sobre algum fato ocorrido em suas vidas que tivesse tido grande relevância para eles, conforme acontece bimestralmente. Todos os alunos das duas turmas redigiram os textos, no entanto, selecionei 16 para realizar esta coleta de dados seguida de análise, tendo em vista que essas produções foram as que apresentaram os fenômenos linguísticos a serem analisados.

O quadro 1, a seguir, apresenta as siglas dos nomes dos alunos, a fim de preservar suas identidades, os títulos dos relatos de experiência vivida e a numeração que doravante será utilizada para identificá-los:

**Quadro 1 – Identificação dos textos**

<b>Nº</b>	<b>Aluno</b>	<b>Título do texto</b>
01	A	O dia em que levei uma paulada
02	B	Quando eu e meu colega caiu de bicicleta
03	C	Sem título
04	D	Sem título
05	E	Meu dedinho
06	F	A tragédia de Marcos
07	G	Sem título
08	H	Sem título
09	I	Sem título
10	J	Sem título

11	K	Sem título
12	L	O dia sem sorte!
13	M	Sem título
14	N	Um dia inesquecível
15	O	Sem título
16	P	Sem título

Fonte: A autora (2018)

O que chama a atenção, em primeiro lugar, é a ausência de títulos nas produções dos alunos, apesar disto ter sido solicitado pela professora. Dentre os 16 textos escritos, apenas 6 alunos deram nome ao seu relato de experiência vivida.

Segue o quadro 2, com a citação de alguns fenômenos linguísticos propostos por Bagno (2001) presentes nas produções textuais dos alunos.

**Quadro 2 – Fenômenos linguísticos e exemplos dos textos dos alunos**

Rotacização do L nos encontros consonantais	“[...] nois voi e comprou um tênis e uma brusa [...]”.	Texto 4
Eliminação de marcas redundantes de plural	“Vimos <i>três coelho</i> quase atropelamos”.	Texto 11
Simplificação das conjugações verbais	“[...] quando eu e meu colega <i>caiu</i> de bicicleta”.	Texto 2
Transformação do ND em N	“Estava <i>esperano</i> ele sair [...]”.	Texto 1
Redução do E e O pretônicos em I e U	“[...] na hora que <i>muntaram</i> no ônibus”. “Se <i>dispidimos</i> dos meus tios”.	Texto 7 Texto 8
Contração das proparoxítonas em paroxítonas	“[...] chego mais uma peste [...] para brincar com nóis no <i>corgo</i> ”.	Texto 12
Desnasalização das vogais postônicas	“E foi assim minha <i>viaje</i> a Americana”.	Texto 15
Arcaísmos no português do Brasil	“[...] quando eu comessei correr eu <i>atropecei</i> e cai [...]”.	Texto 1
Eliminação do R final	“Vai <i>brinca</i> um pouco lá fora”.	Texto 5
Gíria	“Fomos dar um <i>rolê</i> na cidade”.	Texto 9

O detalhamento e a análise dos exemplos de fenômenos linguísticos dos textos dos alunos são apresentados a seguir:

Quanto à rotacização do L nos encontros consonantais, foi encontrada em apenas no texto 4, conforme segue: “[...] nois voi e com prou um tênis e uma brusa [...]”. A escrita *brusa* é um exemplo da substituição do L pelo R no português não padrão.

Em se tratando da eliminação de marcas redundantes de plural, os textos 11, 12 e 15, respectivamente, apresentam os seguintes casos: “Vimos *três coelho* quase atropelamos.”; “Começamos a ouvir *uns grito* da minha tia [...]” e “Em 2009, *nas feria* de dezembro [...]”. Nas duas situações, percebemos que a pluralização dos primeiros termos do sintagma nominal são suficientes para garantir o plural da expressão, sendo desnecessário atribuir o plural aos segundos termos, como exige o português não padrão.

Em relação à simplificação das conjugações verbais, ou seja, eliminação das concordâncias redundantes, percebemos a ausência das flexões verbais em vários textos, no entanto, pretendo exemplificar com as produções 2, 3 e 14, respectivamente: “[...] quando eu e meu colega *caiu* de bicicleta”; “[...] eu e minhas amigas *olhou* para fora do ônibus”; “[...] aí eles *falou* assim [...]”. Notamos que a concordância ocorre sempre na terceira pessoa do singular, independente do sujeito que esteja regendo a ação. No primeiro exemplo (texto 2), isso pode ser explicado devido à presença do sujeito *meu colega* que se torna responsável pela flexão do verbo.

Quanto à transformação do ND em N, foi encontrado apenas um caso no texto 1, conforme o que segue: “Estava *esperano* ele sair [...]”. Isso pode ter acontecido devido este fenômeno linguístico estar mais presente na língua falada que na escrita, pois se trata de uma questão de pronúncia do ND e N no mesmo ponto de articulação.

Foram encontrados nos textos 6, 7, 8 e 10, quatro casos de redução do E e O pretônicos em I e U, respectivamente, conforme exemplos que seguem: “Conseguimos *dispistá-los*”; “[...] na hora que *mntaram* no ônibus”; “Se *dispidimos* dos meus tios” e “Tinha muito *muleque* bom lá.”

O caso da contração das proparoxítonas em paroxítonas foi um dos que menos apareceu. Foi observado apenas no texto 12, porém, duas incidências na mesma produção, o que equivale a notar que este fenômeno linguístico é peculiar de um aluno. Exemplos: “Meu primo veio com a brilhante ideia de ir no *corguinho* [...]” e “[...] chego mais uma peste [...] para brincar com nós no *corgo*.” Notamos o uso da mesma palavra “*córrego*” contraída e flexionada no diminutivo.

Quanto à desnasalização das vogais postônicas, encontramos um caso no texto 15, conforme segue: “E foi assim minha *viaje* a Americana”, da mesma forma que em

relação aos arcaísmos no português do Brasil, que notamos o exemplo do texto 1: “[...] quando eu comessei correr eu *atropceci* e cai [...]”

Já em relação à eliminação do R final, aparece nos textos 5 e 16, sendo que no texto 5 são encontrados dois casos: “Vai *brinca* um pouco lá fora” e “Eu fui *anda* de bicicleta” e no texto 16, encontramos um caso: “Primeiro fui *ve* minha tia”.

Em relação à gíria, linguagem especial que caracteriza grupos quanto à idade, sexo e ocupação, notamos a presença do fenômeno linguístico de forma abundante, principalmente, nos textos 9 e 13, conforme segue: “Somos *parça*”; “Fomos dar um *rolê* na cidade”; “Nois tomo um açaí bem *chavoso*”, “Fomos na praça pra encontra uns *parça tá ligado*” (texto 9) e “Tinha dois *mano* no carro”; “[...] um carro preto *lacrado* [...]” e “O seus *frango* vamo lá [...]” (texto 13). Além da gíria característica da idade e classe social, nestes casos, uma vez que os alunos que redigiram os textos pertencem à classe socioeconômica de baixíssimo poder aquisitivo, também notamos a presença de *nois*, a ausência do plural em *mano*, *parça* e *frango*.

Foram citados apenas exemplos do que aparece nos 16 textos analisados, porém, chegamos à conclusão que as variações linguísticas de eliminação de marcas redundantes de plural e de simplificação das conjugações verbais foram as que predominaram nas produções escritas, ao lado da gíria, que apareceu marcadamente em somente dois textos.

A produção de textos realizada pelos alunos ocorreu nas aulas de língua portuguesa, ou seja, no contexto escolar, o que me levava a esperar que os alunos fizessem uso do português padrão em seus relatos. No entanto, a norma coloquial de uso da língua predominou nos textos dos alunos.

Pretendo, após este estudo, discutir com os alunos-autores as variações linguísticas que apareceram em suas produções escritas e os conceitos de adequação e inadequação linguística ao contexto imediato de produção textual. Segundo Camacho (2003), a variação de registro ou variação estilística está relacionada ao contexto de produção de textos, à finalidade desta produção, ao grau de formalidade exigido pela situação, ou ainda ao grau de familiaridade existente entre o falante e o conteúdo a ser escrito.

Em decorrência desses aspectos, acontece o uso do estilo formal ou informal. Quando o falante não desenvolve os recursos linguísticos adequados às várias situações

de interação verbal, incluindo nelas as que demandam a utilização do estilo formal (CYRANKA, 2014) e da norma padrão, o resultado é a recorrência à norma coloquial, como aconteceu com os alunos-autores dos textos estudados.

Outro aspecto importante de ser discutido é o uso das gírias, fenômeno peculiar de adolescentes da faixa etária em questão (12-14 anos). Por ser usado com frequência nesse grupo restrito, principalmente na oralidade, acredito que essa variação foi transposta para a língua escrita sem qualquer reflexão. Por isso, considero de grande importância a discussão com os alunos o uso das gírias, dependendo do contexto social e da situação de produção de textos.

Além dos fenômenos linguísticos presentes nos textos, verificamos que os textos tratam de assuntos do cotidiano dos alunos, com predominância para as brincadeiras de adolescentes. Notamos, também, várias defasagens com relação à escrita, dentre elas: problemas ortográficos, de paragrafação e marcas da oralidade.

Com relação à ausência de títulos na maioria dos textos, solicitei que os alunos atribuíssem nomes aos relatos, mas, por descuido, a maior parte deles não colocou título em suas produções.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo em vista a análise dos textos escritos dos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, concluímos que existe um distanciamento entre o português não padrão e o português padrão, entre a norma coloquial e a norma padrão da língua portuguesa, o que demanda um trabalho constante do professor, no sentido de orientar os alunos com relação ao funcionamento da língua dependendo de seu contexto de utilização.

Segundo Guimarães et al. (2015, p. 5), é responsabilidade do professor de língua portuguesa orientar os alunos de que as variantes do português padrão não são mais importantes que as do português não padrão, no entanto, “[...] há contextos comunicativos que exigem uso de uma ou de outra, estando todas certas, deixando de lado assim a ideia de erro.”

As autoras afirmam ainda que, quanto à produção escrita, a orientação aos alunos quanto ao uso das variedades linguísticas se torna menos eficaz, pois os textos escritos são devolvidos aos alunos, sem qualquer intervenção do professor, ou se for sugerida a

reescrita, esta acontece apenas em relação a erros ortográficos, desconsiderando os sentidos do texto. (GUIMARÃES et al., 2015).

Geraldi (2006) afirma que os textos produzidos pelos alunos podem se tornar objetos de estudo e reflexão, e por meio deles é possível que os professores realizem a análise linguística, prática que, a partir dos anos 1980, provocou mudanças na metodologia de ensino da língua portuguesa, especialmente dos aspectos gramaticais.

Guimarães et al. (2015, p. 7) conceituam a análise linguística da seguinte forma:

A prática da AL parte da análise do gênero (macroestrutura) para só em seguida analisar as unidades menores (microestrutura), sempre partindo da função, ou seja, inicialmente se estuda os objetivos que determinado gênero pretende alcançar, qual o público alvo para ser possível identificar, que linguagem tal gênero exige: se é uma carta pessoal, uma linguagem mais despreocupada com as regras gramaticais, caso seja um requerimento a linguagem precisa ser mais trabalhada, por exemplo.

Não é uma tarefa fácil trabalhar as diferenças linguísticas em sala de aula, nas aulas de língua portuguesa, pois exige que o professor ensine a norma padrão da língua sem desconsiderar o português não padrão trazido pelos alunos logo que adentram a escola, seja na oralidade ou na escrita.

Além de considerar as variações linguísticas, ou seja, as variantes informais da língua, “É necessário ensinar a norma culta porque os alunos precisam aprendê-la para se saírem bem tanto em situações formais quanto informais de uso da língua.” (GUIMARÃES, 2015, p. 5), no entanto, sem fomentar o preconceito linguístico em relação aos alunos que são falantes da norma coloquial, uma vez que sua fala é fruto das condições em que vivem.

Desta forma, por levar em consideração o conhecimento do aluno e o contexto social no qual se encontra inserido e onde ocorre o uso linguístico, seja em relação à língua falada ou escrita, é que a Sociolinguística tem sido útil na explicação dos fenômenos linguísticos e desnaturalização do preconceito existente em relação às classes não dominantes que desconhecem os mecanismos de adequação e inadequação de utilização da língua.

## Referências

ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. RANGEL, Egon de Oliveira. Tarefas da educação linguística no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1, 2005.

BRASIL (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. (2018). **Portal do Ministério da Educação e Cultura (MEC)**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/59211-governo-libera-r-406-m>

ilhoes-para-ensino-medio-em-tempo-integral-e-aumenta-em-87-o-numero-de-escolas-atendidas Acesso em 10 jun. 2018.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. 9. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 2000.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

CYRANKA, Lucia F. Mendonça. Evolução dos estudos linguísticos. Ensaio. **Revista Práticas de Linguagem**. v. 4, n. 2, jul./dez. 2014.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira. Desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 37-61.

GABAS JÚNIOR, Nilson. Linguística histórica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GERALDI, João Wanderley (org). **O texto na sala de aula**. 4. Ed. São Paulo: Ática, 2006.

GNERRE, Maurício. **Linguagem, escrita e poder**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GUIMARÃES, Diana Ribeiro; CARNEIRO, Isabel Cristina da Silva; SILVA, Marileide Bezerra. **Trabalhando a variação linguística em sala de aula: O que corrigir? Como corrigir? Que prática adotar? Encontro de Iniciação à Docência da UEPB – V ENID**. Campina Grande, PB. 2015.

MARTINS, Ana Paula Pereira. Funcionalismo linguístico: um breve percurso histórico da Europa aos Estados Unidos. **Domínios de Linguagem**. Revista Eletrônica de Linguística. Ano 3, n. 2, 2º semestre 2009.

MUSSALIM, Fernanda & Anna Christina BENTES (2003) (orgs.) **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**. Volumes 1 e 2. São Paulo: Cortez Editora. 194 p. e 270 p.

JALES/SP. **Projeto Político-Pedagógico da Escola Estadual Professor Carlos de Arnaldo Silva**. São Paulo. 2018.

SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa. Ensino Fundamental Ciclo II e Ensino Médio**. Coord. Maria Inês Fini. São Paulo: SEE, 2010.

SÃO PAULO. **Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE/SP)**. Disponível em <http://www.educacao.sp.gov.br/ensino-integral> Acesso em 10 jun. 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

XAVIER, Cláudia do Carmo. Significante e significado no processo de alfabetização e letramento: contribuições de Saussure. **Cadernos ESPUC**. Belo Horizonte - n. 25 – 2014.

TERRA, Ernani. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Scipione, 1997.

## **ANEXO I – Textos dos alunos**

### **Texto1**

Textos - trshumiski@uol X Redações da Alessandra X

file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Redações%20da%20Alessandra.pdf

Redações da Alessandra.pdf 1 / 17

Escreva um texto de experiência vivida sobre algo que foi muito importante para você.

O dia em que eu lixi um paulão

Um belo dia eu estava no jardim do Cezar com meu colega, quando chegou um Malique querendo pegar meu colega. - O eu perguntei porque o Malique me queria atacar no meu colega, no livro que eu perguntei de como me chingo. - O eu comensei o Troton Goso com ele, ele conseguiu comer para o Malique e cortar um pedaço de pau, quando eu comensei comer eu tropesei e caí, ele conseguiu me pegar e me deu um paulão no peito. - Quando eu desenti sem eu, eu esperei um pouco e recuperei o eu e comensei com estraz dele, nós ele conseguiu sentir dentro do corpo de um naco e troncar a porta. - Depois esperamos ele sair, mas ele não queria fugir pelo fundo, quando se viu de patentes do seu cinema e nós deu para um cara de. - Li eu fui embora e fiquei com o peito vermelho e doendo muito.

Windows taskbar: 22:04 27/06/2018

**Texto 2**



**Texto 3**

Textos - trshumiski@uol X Redações da Alessandra X

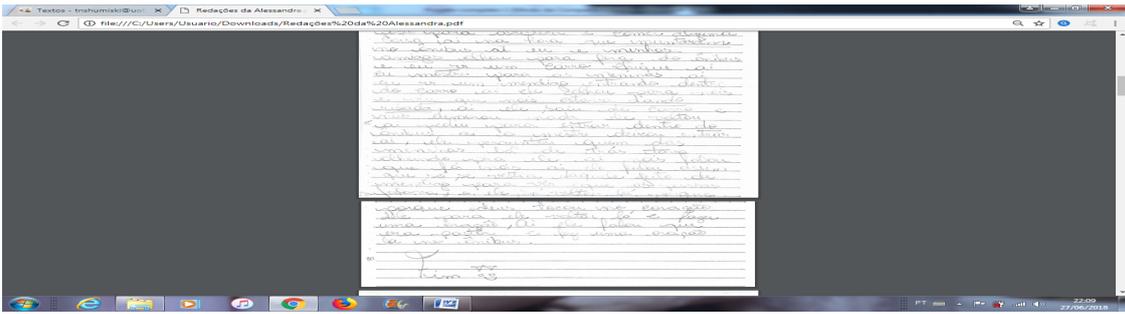
file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Redações%20da%20Alessandra.pdf

Exemplo um relato de experiências  
 tendo sobre algo que foi muito  
 importante para você.

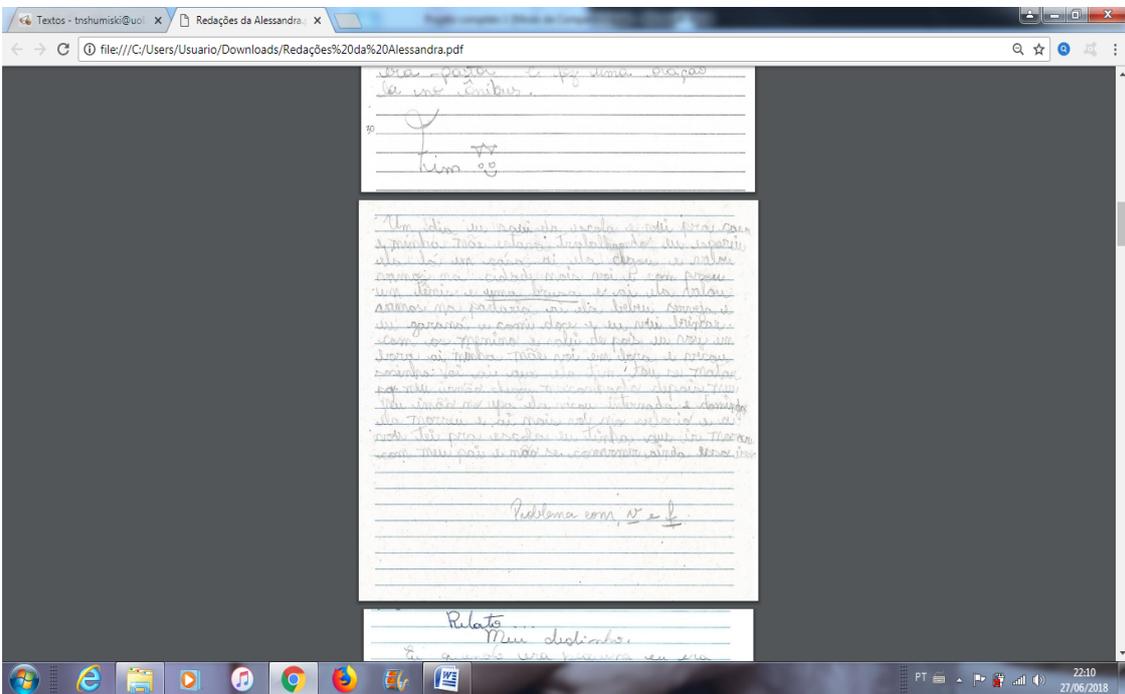
Um dia eu estava indo para  
 um campeonato em São Paulo vai  
 sempre tem uma parada em  
 casa para abster e fazer alguma  
 coisa vai na hora que montamos  
 no ônibus vai eu e meus  
 amigos e fui para fazer de ônibus  
 e eu vi um carro que vai  
 eu me senti para as enfermeiras vai  
 eu vi um mendigo entrando dentro  
 do carro vai ele pediu para mais  
 e eu que mais estava dentro  
 do carro, ele saiu do carro e  
 não deixou nada de dentro  
 vai pedir para entrar dentro do  
 ônibus e o mestre deixou entrar  
 vai, ele apontou quem das  
 enfermeiras lá de trás tinha  
 olhando para ele, ele não falou  
 que ele não vai de falar assim  
 que se se sentia daquele jeito de  
 mendigo para ver que um pouco  
 falou, e ele se sentiu lá no carro.

porque Deus tocou no coração

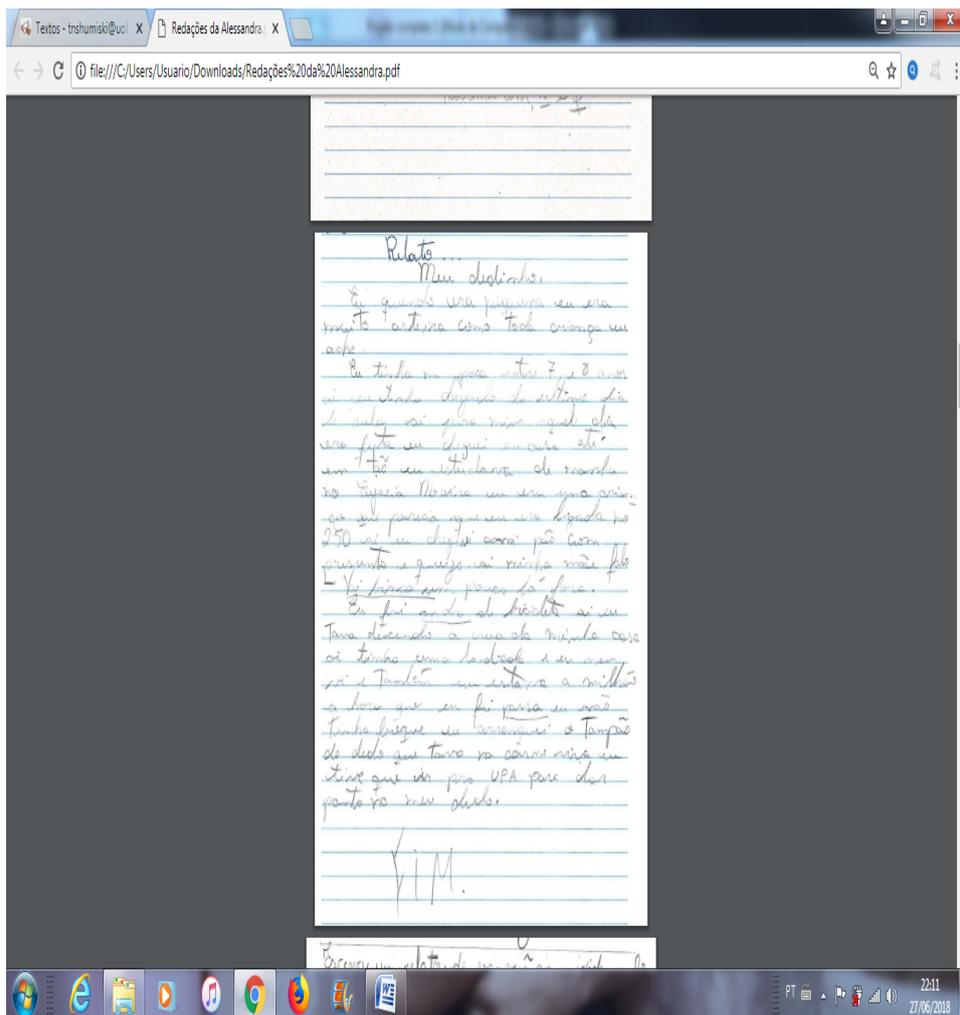
PT 22:08  
 27/06/2018



### Texto 4



### Texto 5



## Texto 6

file:///C:/Users/Usuario/Downloads/Redações%20da%20Alessandra.pdf

VIM.

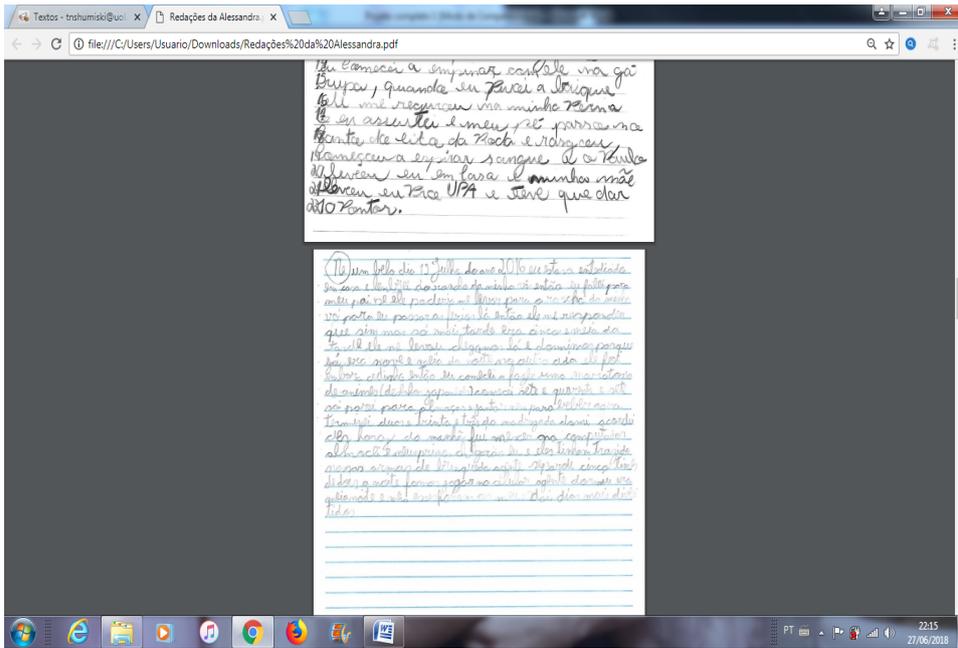
Escreva um relato de experiência sobre  
 algo que foi muito importante para você.

- 1) A tragédia de 11/9
- 2) Em um dia de sábado tinha um jogo  
 da minha equipe às 10h, passei com a  
 mãe, Paulo, Roberto, matheus e Thiago  
 5) Para gente ir ao jogo.
- 6) Não começou a chover e todos me  
 foram desistir, e teve um homem  
 que saiu do carro para a casa após de  
 mais de mata, logo um tinha um  
 Drogaria, mesmo em Recife a cidade  
 estava cheia e mandei ele montar  
 para girar e fumar e conseguir  
 13) Quando já era quase chovendo  
 eu comecei a sentir calor e me foi  
 muito, quando eu fui a Drogaria  
 foi um momento muito triste  
 e eu assenti e me foi muito na  
 mente de tudo de tudo e depois  
 começou a espirar sangue de Paulo  
 e depois eu em casa e minha mãe  
 chorou em Recife UPA e teve que dar  
 NO Ponto.

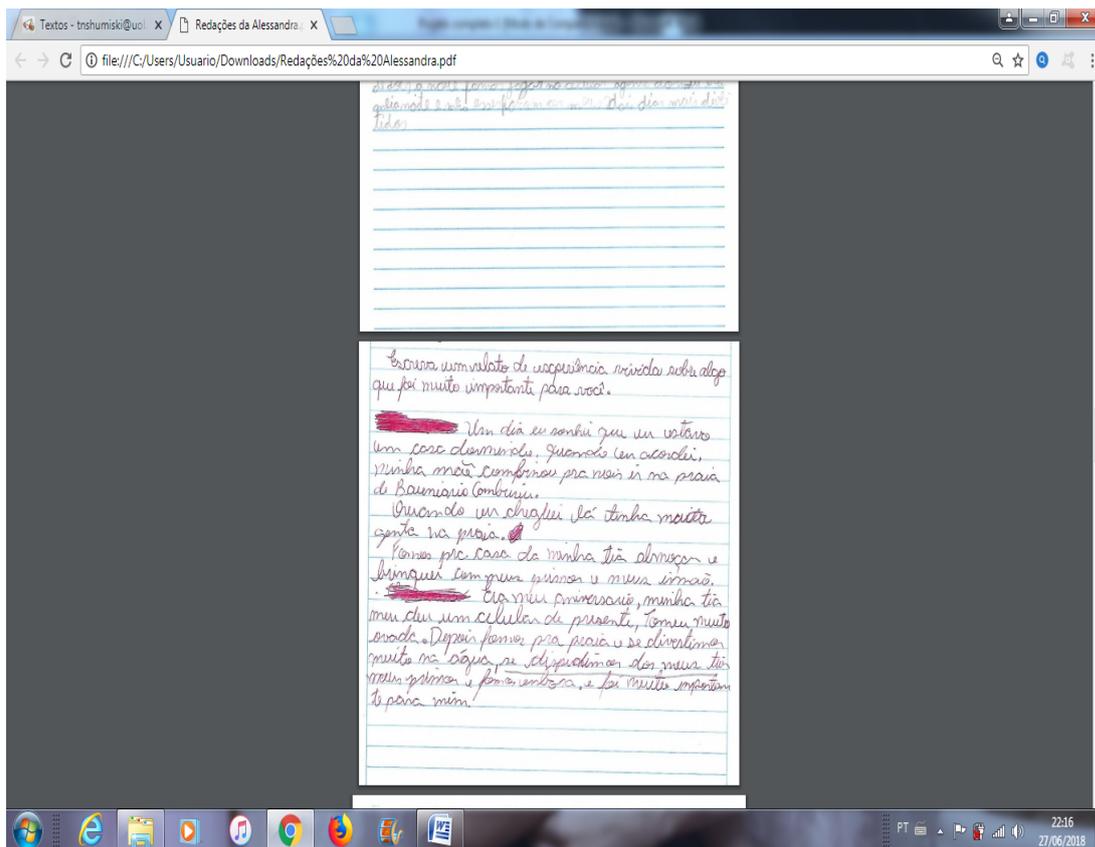
(No um dia de 11/9 de ano de 11/9 estava sentado)

22:13  
27/06/2018

## Texto 7



Texto 8



## Texto 9

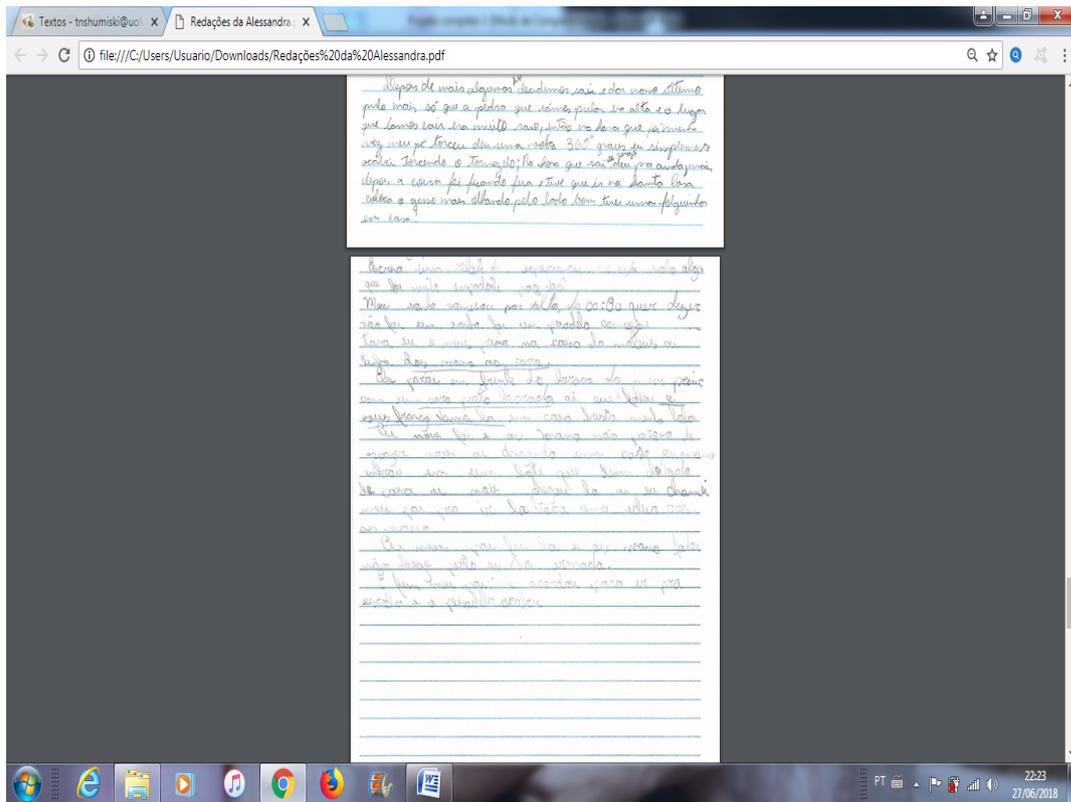




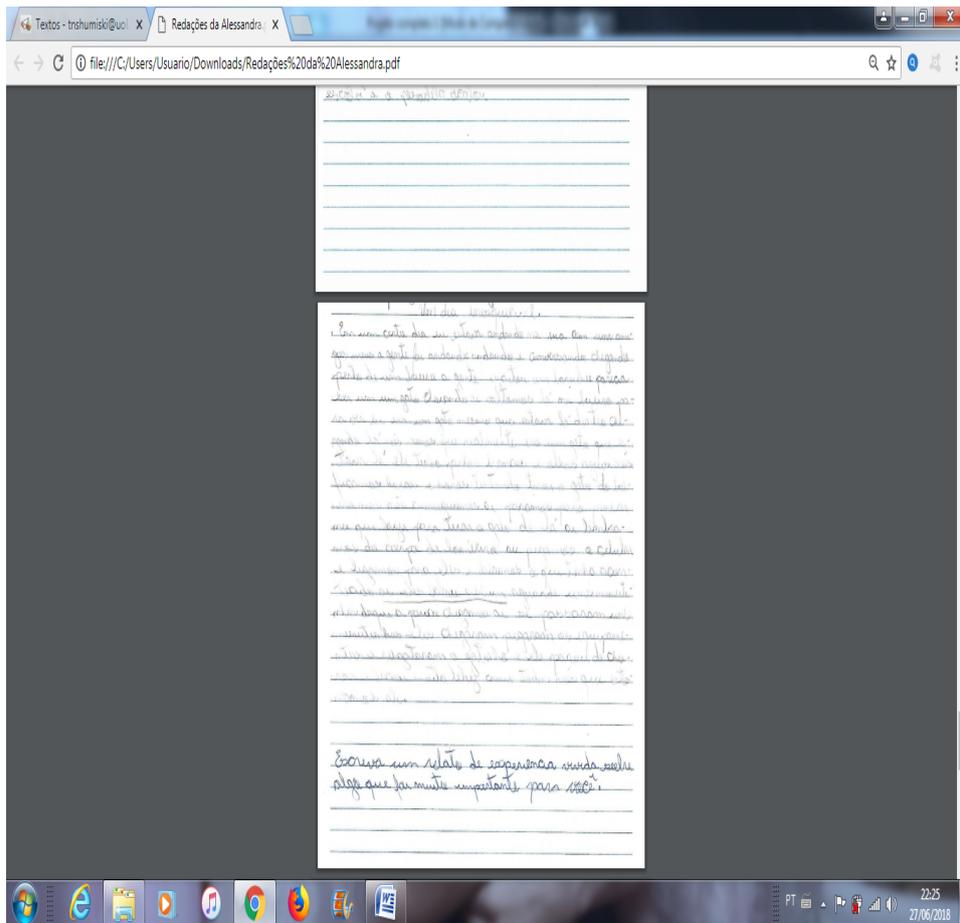




### Texto 13



### Texto 14



**Texto15**

Escreva um relato de experiência vivida sobre algo que foi muito importante para você.

Escreva um relato de experiência vivida sobre algo que foi muito importante para você.

Em 2017, no mês de dezembro eu fui muito longe para fazer a minha primeira viagem. Foi para a casa da minha tia em Santarém, no Pará. Foi uma viagem incrível, com muitas coisas novas para mim. Foi muito divertido e eu aprendi muitas coisas. Foi uma experiência muito boa e eu quero voltar lá muito logo.

Quando eu fui lá eu fui muito feliz e eu aprendi muitas coisas. Foi uma experiência muito boa e eu quero voltar lá muito logo.

E antes que eu esqueça, trouxe muitas coisas para minha família e para os meus amigos.

E por assim, minha viagem a Santarém.

## Texto 16

